

O reflexo literário da vida de Chiquita

Isabel Coutinho

Chiquita é um romance, ou melhor, uma biografia imaginária de uma personagem real, com toda a liberdade que essa mistura entre biografia e imaginação pode dar a um autor. Essa personagem real é a liliputiana Espiridiona Cenda, uma cubana que foi uma das celebridades mais bem pagas dos teatros de vaudeville na Nova Iorque dos finais do século XIX e que actuou também na Europa.

Quando acabamos de ler *Chiquita* não sabemos distinguir entre o que é factual e o que é ficção. Isso faz parte do que nos atrai na leitura deste livro que pode ser lido como um jogo, uma brincadeira, entre o seu autor e o leitor. Muito do que lá está pode nunca ter acontecido mas está tão "bem embrulhado" e é tão convincente que nós, leitores, acreditamos que foi assim que se passou. Numa nota final o autor, o escritor e jornalista cubano Antonio Orlando Rodríguez, adverte: "Sou um romancista: isto é, um mentiroso profissional.

Embora este livro se inspire na vida de Espiridiona "Chiquita" Cenda está muito longe de a reproduzir com fidelidade. Trata-se de uma obra concebida a partir da liberdade absoluta que a ficção permite e, assim, alterei a meu gosto tudo o que quis e acrescentei episódios que, provavelmente, a famosa liliputiana teria gostado de protagonizar" (pág. 477). Antonio diz mais, afirma que misturou "sem o menor escrúpulo" verdade histórica e fantasia. E recomenda ao leitor que "não se fie nas aparências": "alguns factos que parecem pura efabulação estão documentados em livros e jornais de época."

O romance "Chiquita" recebeu o Prémio Alfaguara em 2008. Nas quase 500 páginas - que na versão portuguesa tem uma bela edição de capa dura e uma série de fotografias da época em extratextos - este escritor cubano que vive actualmente nos Estados Unidos consegue recriar o ambiente em que viveu a liliputiana.

Num preâmbulo é explicado que foi um antigo revisor de provas da revista "Bohemia" quem, pela primeira vez, falou ao escritor desta artista cubana de 26 polegadas (65 centímetros) a quem chamavam "a boneca viva", "o mais pequeno átomo da humanidade" ou "a bomba cubana". Este antigo revisor de provas, Cándido Olazábal, teria sido secretário de Chiquita durante anos com a missão de dactilografar a história da sua vida. Entrega então ao escritor as caixas com material sobre Chiquita que tem em seu poder e um caderninho - a tal biografia da artista - a que faltam alguns capítulos e em que vai ser necessário preencher lacunas. Essa é a biografia que Chiquita foi ditando ao seu secretário mas que tem muito dele também - Cándido Olazábal ia mudando e contradizendo o discurso de Chiquita à medida que ela lhe ia ditando as suas recordações e ele ia dactilografando. Está lançada assim a trama da obra que, graças a este recurso, acaba por ser um romance contado a várias vozes.

Chiquita é também um retrato de uma época, cheio de pormenores, descrições, episódios. Se há algo a apontar a *Chiquita* é que por vezes essa minúcia de pormenores chega a ser excessiva para o leitor. No romance abundam também personagens secundárias, entre as quais duas mulheres importantes naquele tempo como a atriz francesa Sarah Bernhardt e a jornalista pioneira grande-repórter norte-americana Nellie Bly (pseudónimo de Elizabeth Jane Cochran). Já foi dito que *Chiquita* é uma metáfora de Cuba e que leva o leitor a reflectir sobre o direito à diferença. O seu autor quis fazer um livro de aventuras tendo como personagem principal uma mulher à frente do seu tempo, que nasceu quando uma guerra começava e morreu ao terminar outra. "Durante esse tempo, [Chiquita] protagonizou a sua própria guerra contra um mundo que parecia empenhado em classificá-la como 'um erro da natureza'", lê-se nas primeiras páginas. E para terminar aqui vos deixamos os versos escritos por Chiquita: "Deixem que outros se vangloriem da sua estatura ou do seu berço, / esta verdade gloriosa encherá a minha alma de júbilo, /que sou hoje e espero ser durante anos / a mais pequena súbdita da terra que me é mais cara."

Publicado en el semanario *Ípsilon*, Lisboa, 10 de abril de 2009, pp. 24-25.